



**RESENHA DO LIVRO *O ESQUECIMENTO DE UMA ARTE: RETÓRICA, EDUCAÇÃO E FILOSOFIA NO SÉCULO XXI* (SÃO PAULO: ALMEDINA, 2021), DE EDGAR LYRA**

**REVIEW OF THE BOOK *O ESQUECIMENTO DE UMA ARTE: RETÓRICA, EDUCAÇÃO E FILOSOFIA NO SÉCULO XXI* (SÃO PAULO: ALMEDINA, 2021), BY EDGAR LYRA**

Waldyr Delgado Filho

---

Doutorando em Filosofia pela PUC-Rio

Mestre em Filosofia pela PUC-Rio

waldyrdelgado@gmail.com

Rejeitada por Descartes, que “reputava falso o que era apenas verossímil” (*Discours de la méthode*, I, tradução nossa), ou tratada como mera “sofística”, a retórica aristotélica assistirá a uma renovação no final dos anos 60, com a publicação do *Traité de l’argumentation: la nouvelle rhétorique* (1958), de Perelman e Olbrechts-Tyteca.

Os autores, partindo principalmente do tratado *Tópicos* – onde Aristóteles expõe o seu método para uso dos argumentos dialéticos –, propõem uma nova retórica como referencial teórico para a análise do discurso que, ultrapassando o lógico-formal, problematiza a própria estrutura da argumentação, “[...] cujo campo é o do verossímil, do plausível, do provável, na medida em que este último escapa às certezas do cálculo” (PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. 1). Além disso, chamam a atenção para a importância dos “lugares” do

<i>Rev. Helius</i>	Sobral	v. 4	n. 1	p. 85-89	jan./jun. 2021
--------------------	--------	------	------	----------	----------------

discurso, os *topoi*, dos quais derivam os *Tópicos*, para fundamentar valores e hierarquias.

Em seu prefácio à 2ª edição (1988) do *Traité de l'argumentation*, Michel Meyer coloca que o trabalho de Perelman assinala o fim de uma certa concepção de *logos*, que já não tem mais autoridade de fundamento indiscutível, e aponta para uma nova filosofia sem metafísica:

O fundamento – a “razão cartesiana”, em suma – fazia as vezes de critério a priori para desempatar as teses opostas. A Nova Retórica é, então, o “discurso do método” de uma racionalidade que já não pode evitar os debates e deve, portanto, tratá-los e analisar os argumentos que governam as decisões. Já não se trata de privilegiar a univocidade da linguagem, a unicidade a priori da tese válida, mas sim de aceitar o pluralismo, tanto nos valores morais como nas opiniões. A abertura para o múltiplo e o não-coercivo torna-se, então, a palavra-mestra da racionalidade (MEYER, Prefácio a PERELMAN; OLBRECHTS-TYTECA, 1996, p. XX).

Julgamos essa breve recuperação necessária para situarmos a importância da recente publicação do livro – *O esquecimento de uma arte: retórica, educação e filosofia no século XXI*, Almedina, 2021, do filósofo e professor da PUC-Rio Edgar Lyra. Resultado de muitos anos de reflexão filosófica e prática pedagógica, ademais, numa abordagem que engloba retórica e tecnologia, Lyra propõe nessa obra uma reapropriação da *Retórica* aristotélica como elemento de formação de professores para os desafios político-tecnológicos do século XXI.

Partindo justamente da noção de *topos* enquanto viabilização de relevos e reorganização de linhas de força discursivas, Lyra intenta resgatar na arte retórica subsídios para lidar com as dificuldades oriundas da presente incapacidade

dade de colocar em questão os lugares-comuns tecnológicos que hoje hegemonicamente definem nosso mundo.

Para Lyra, a retórica não tem por finalidade necessariamente persuadir, podendo servir, por exemplo, para negociar distâncias entre os diferentes interlocutores que, em cada contexto, devem ser capazes de apresentar argumentos convincentes, “independentemente de provocarem ou não efetiva mudança de opinião no público” (LYRA, 2021, p. 9). Daí a sua inovadora tradução do vocábulo grego *pistis* por *convincência*, e a oportuna escolha do tema que conduz sua reflexão sobre a arte retórica, e que epigrafa o livro:

Todo discurso é discurso sobre certo assunto, dirigido a determinado público, em dada circunstância e por determinado orador, capaz de mobilizar certo repertório para a consumação de certos propósitos. (LYRA, 2021, p. 5).

É importante aqui, mesmo que brevemente, problematizar a relação entre retórica e verdade, para entendermos por que o campo da estrutura retórica é o do verossímil, do plausível e do provável, embora isso não signifique desconsiderar a verdade. A questão é colocada por Aristóteles já no primeiro capítulo da *Retórica*, quando trata da sua utilidade:

Mas a retórica é útil porque a verdade e a justiça são por natureza mais fortes que os seus contrários. De sorte que, se os juízos se não fizerem como convém, a verdade e a justiça serão necessariamente vencidas pelos seus contrários, e isso é digno de censura (*Rh.* 1355 a22-26, trad. M. Alexandre Jr., P. F. Alberto e A. N. Pena, 2005, p. 93).

Ou seja, mesmo teses verdadeiras e justas devem ser defendidas por oradores capazes de mostrar aos seus públicos que esse é o caso, e para isso é necessário o domínio de recursos retóricos, a fim de produzir um discurso *convvincente*. Ainda mais amplamente um discurso convincente, oral ou escrito, é segundo Lyra um discurso *digno de atenção*, sobretudo adequado às circunstâncias e a propósitos bem escolhidos.

Após apresentar, no capítulo 1, um breve panorama histórico dos caminhos e descaminhos da tradição retórica, Lyra procede ao exame minucioso dos três livros que compõem o tratado aristotélico, distinguindo particularmente aquelas noções de maior relevância pedagógica.

No capítulo 2 são assim oferecidas, numa chave hermenêutica, releituras das noções de *logos*, *pathos* e *ethos* – as quais constituem as dimensões da convicção (*pistis*) – em sua relação com o *topos* enquanto lugar-discursivo, noção esta de capital importância para o conceito de “falência discursiva”, posteriormente avançado pelo autor, ao analisar o momento político-tecnológico atual. Ainda nesse capítulo especial atenção é dada a uma espécie de ressignificação da noção de *estilo* (estudada por Aristóteles no Livro III).

No capítulo 3, por fim, ao abordar as recentíssimas tecnologias do mundo digital, dirá Lyra que decerto mudam as interfaces, mas que continuam atuais os ensinamentos retóricos para subsidiar o trabalho de professores na “sala de aula” do século XXI.

Pode-se dizer, à guisa de conclusão, que a reflexão conduzida por Edgar Lyra em seu recente livro – *O esquecimento de uma arte: retórica, educação e filosofia*

no século XXI, é muito bem-vinda e atualíssima, cumprindo importante papel no sentido de busca de caminhos de enfrentamento da “falência discursiva” com que o autor, *arendtianamente*, define a arena político-pedagógica contemporânea – característica da era da hegemonia tecnológica.

### Referências

ARISTÓTELES. *Retórica*. Tradução de M. Alexandre Jr.; P. F. Alberto; A. N. Pena. Lisboa: Imprensa Nacional, Casa da Moeda, 2005.

DESCARTES, R. *Discours de la méthode pour bien conduire sa raison et chercher la vérité dans les sciences...* Leyden: L’Imprimerie de Ian Maire, 1637. Disponível em: <https://gallica.bnf.fr/ark:/12148/btv1b86069594>. Acesso em: 19 ago. 2021.

LYRA, E. *O esquecimento de uma arte: retórica, educação e filosofia no século XXI*. São Paulo: Almedina, 2021.

PERELMAN, C.; OLBRECHTS-TYTECA, L. *Tratado de Argumentação – a nova retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.



Esta obra está licenciada sob a licença [Creative Commons Atribuição – Não Comercial 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/).